

A PAISAGEM E O LUGAR PERCEBIDOS PELA MEMÓRIA

Sheila Castro dos Santos

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

E-mail: sheila1705@gmail.com

João Carlos Pereira Coqueiro

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)

E-mail: carlospereiracoqueiro@gmail.com

RESUMO

Este texto visa evidenciar como os membros do distrito de Alter do Chão, município de Santarém/Pará, expõem a apropriação da paisagem, contemplando-a e vivenciando-a, dando sentido próprio ao lugar onde vivem. Utilizou-se, para tal, o método da hermenêutica-fenomenológica que implica em reflexões interpretativas, onde há sequências de ações que foram entendidas por meio da construção da memória dos membros da comunidade alterense. Com a perspectiva de individualização interpretativa da memória conceitualizada na concepção de 'minhadade' proposta por Ricoeur, sendo significativa quando se busca a compreensão, enquanto ser no mundo e para o mundo, do que se viveu, do que se vive e da perspectiva de uma vivência plena. Há, na memória, uma suavidade que envolve o presente com a mistura sensível do passado. Ao pensar o presente têm-se ações moldadas por meio das experiências que fluem com as descobertas e permanências. Um resultado de somas, divisão e subtração formadora da continuidade humana.

PALAVRAS-CHAVE: Minhadade. Memória. Alterenses. Intertextos.

INTRODUÇÃO

Percebe-se que uma das maneiras de evocar a paisagem e o lugar pelo ser humano é por meio da memória e da lembrança. Esse atributo corpóreo humano ocorre quando algo chama atenção, possui significado, é algo importante, ou que marca a pessoa, seja por meio de objetos, músicas, cheiro, sabor, visualização. Experiência boa ou ruim. Imaterial ou material, capazes de marcar o indivíduo e formar teias de memória.

A memória humana pode também advir de experiências de outros indivíduos. Neste contexto, a narrativa de experiências, contadas no cotidiano acabam por fazer parte da lembrança de quem as ouve; e em alguns casos até de memórias. Para tal compreensão, utilizou-se o método hermenêutico-fenomenológico elaborado por

Ricoeur ([1969] 1988, 1990, 2000 e 2007), que intermediou o entendimento das espacialidades, da memória direcionada à ‘minhadade’¹, como percepção do vivido e perspectiva do futuro diante das múltiplas interpretações advinda dos intertextos que cada ser humano possui.

Com o método hermenêutico-fenomenológico, visou-se entender a essência dos alterenses, mesmo que esta possua o predicado da falibilidade e da inconstância. Sabe-se que o ser humano muda constantemente, seja agregando conhecimentos ou modificando-os. Dessa maneira, procurou-se a autenticidade simbólica das ações expostas nas expressões vividas.

Nessa conjuntura, para que haja compreensão sobre a formação conceitual da memória e da lembrança, como uma das ações que formam o indivíduo utilizar-se-á Ricoeur ([1969] 1988, 1990, 2000 e 2007), Halbwachs (1990), Tedesco (2004), Pollack (1992), Bosi (1994) e Cosgrove (1983, [1984] 1998, 1999, [2008] 2012).

Esses autores, corroboram com estudos como entender a memória evocadora do pertencimento sentido pelos membros da comunidade de Alter do Chão, distrito no município de Santarém/Pará, os quais utilizam-se da paisagem e do lugar para, posteriormente, haver as representações destes ou/e nestes.

Os autores possuem em comum a ideia de que a construção da memória é coletiva. Não é só por meio da materialidade que ela é formada. Ela também é formada por abstrações e diferenças entre o que é lembrança e o que é memória.

As conexões realizadas como trocas simbólicas diferentes podem evidenciar características específicas de determinada comunidade, de modo a serem interpretadas visando evidenciar as diversas formas de organização sociocultural que as comunidades realizam para diferenciar-se/igualar-se e aproximar-se/distanciar-se dos que não fazem parte dela. Essas ações complexas possuem função importante na comunidade alterense, conduzindo-a a identificar-se e apropriar-se do lugar, experienciar a paisagem e enaltecer sua história.

A COMUNIDADE ALTERENSE

¹ O conceito de minhadade foi elaborado pelo hermenêuta-fenomenólogo Paul Ricoeur (2007) para identificar o auto conhecimento adquirido pelo ser humano após refletir sobre sua existência, percebendo seu passado, presente e futuro como partes integrantes da construção de sua identidade.

A dominação portuguesa data de 1542², no distrito de Alter do Chão, as diversas transformações em sua paisagem e as espacialidades construídas que viriam a desencadear sua forma foram sendo erigidas até a atualidade.

Segundo Piacesi (1980), Alter do Chão recebeu o *status* de vila para homenagear uma cidade portuguesa. Seu limite norte coincide com a margem direita do rio Tapajós, fazendo parte do município de Santarém como seu distrito, possuindo paisagens com belezas naturais que chamavam a atenção de quem por lá passava e continuam encantando quem por lá visita.

Apoderando-se dos conhecimentos produzidos pela historicidade dos alterenses, percebeu-se, que as primeiras explorações deram-se por volta de 1626 com Pedro Teixeira encarregado da missão de capturar indígenas. Ele incursiona na baía de Alter do Chão, onde havia “incorporado uma nova área à base geográfica e política da colônia [...] a fronteira continuava em movimento, agora enriquecida e ampliada”. (REIS, [1964] 1979, p. 17)

Com o processo de dominação, as etnias provocaram mudanças significativas no modo de vida regional. Elas possuíam especificidades culturais e um período dedicado a comemorações, como expõe Cascudo ([1940] 1983, p. 43-44):

No Brasil, [...] o culto indígena mais espalhado e seguido, o verdadeiro culto nacional, era o de Jurupari. A catequese religiosa transformou-o em demônio. Não era possível converter-se Jurupari. Os pajés eram alistados na classe sacerdotal. Achado o princípio do mal havia a necessidade do princípio do bem, o Deus-bondade e Criador, uma égide indígena onde a concepção do hebreu e do Deus-Pai católico pudesse caber e ser entendida. O indígena assimilaria a religião nova se esta viesse por intermédio de formas conhecidas. [...] Era Tupã o que os folcloristas ingleses chamam *Nature God*, personificação abstrata de forças cósmicas, com atuação meteórica, sem interferência na vida sublunar.

² A Primeira referência escrita de que se tem notícia com relação ao contato (...) com os índios Tupaius ou Tapajós, foi em 1542, onde se relata que Francisco Orellana saqueou as plantações de roça e milho desses índios. (COSTA, 2013, p.8).

Aos poucos, muitas mudanças foram acomodadas no cotidiano das etnias. Suas celebrações e rituais assumiram novas configurações. Jurupari perdeu espaço para personificação da força cósmica - Tupã.

Segundo Paes Loureiro (1995) com o passar do tempo, caboclos e etnias - descendentes da miscigenação - buscaram manter as belezas naturais de Alter do Chão. Para tal, ainda hoje, utilizam o ecoturismo, praias e paisagens; sobretudo durante os meses em que o rio Tapajós está na vazante, como forte apelo para conquistar turistas e visitantes nativos e estrangeiros.

Até agora, essa gente celebra o Çairé³ - festejo de fé, devoção comunitária, expressão lúdica, cultural, disputa de caça e pesca - envolvendo comunidades do entorno e vilas vizinhas para um mutirão⁴ e Piracaia⁵.

Sublinhe-se que um padre norte-americano, proibiu por vinte anos, a realização do Çairé. E, só retornou, graças a narrativas e desenhos de anciãos das comunidades. Nesse contexto, percebeu-se a partir destas ações que:

na experiência viva da memória um rastro irreduzível que explique a insistência da confusão comprovada pela expressão imagem-lembrança. Parece mesmo que a volta da lembrança pode fazer-se somente no modo do tornar-se imagem. A revisão paralela das fenomenologias da lembrança e da imagem encontraria seu limite no processo de transformação da lembrança em imagens. (RICOEUR, 2007, p. 26).

Sob essa análise, nota-se que na revisão do passado, entre lembranças, imaginário e memória ocorre a 'minhadade' de cada membro do distrito, que possuem sua presença marcada com algumas dúvidas do que ouviram ou vivenciaram. Nessa égide, começaram a elaborar como seria realizado o Çairé a partir de 1973. Festejo este que perdura até os nossos dias.

³ Possui diversos significados, contudo primeiramente é um festejo que possui sua origem na tradição da etnia borari, um dos primeiros habitantes de Alter do Chão distrito de Santarém, localizado no estado do Pará. Outro significado é um símbolo, onde em um semicírculo, há dois semicírculos dentro com três cruzeiros; como festa religiosa onde festejam as benesses recebidas de Deus; e por fim, na tradução que foi relatada significa Salve ou tu dizes, na língua nhengatu. Por ser uma palavra étnica tem sua grafia com ç.

⁴ Mutirão realizado pelos moradores da comunidade de Alter do Chão para realizar algum trabalho que necessite da ajuda de todos que possam colaborar.

⁵ É um costume dos alterenses durante a noite assarem peixe temperado apenas com sal e limão em uma fogueira a beira da praia. Faz-se uma fogueira na areia da praia e colocam o peixe vezes enrolado na folha da bananeira, direto em uma grelha, em cima de gravetos de madeira mais resistente ou empalado com gravetos e deixam o peixe assar, acomodam-se ao redor da fogueira, cantam, conversam e quando o peixe estiver assado comem com farinha.

Na base dessa discussão e enveredando para o desvendamento das teias da isotopia e da narrativa, a comunidade de Alter do Chão aprendeu a cuidar da paisagem e a utilizar a história de seus antepassados para se auto-afirmar, como descendente da etnia borari⁶ que ali vivia.

Os alterenses, ao utilizarem os elementos naturais como definidores de sua cultura, deram sentido a símbolos e signos de sua gente.

Aqui, história e literatura se encontram, dialogam e compartilham concepções. A narrativa literária, para tocar o pretérito, recorre à memória, à consciência para recomposições possíveis de determinado acontecimento.

A criatividade dessa comunidade propiciou a utilização de traços da cultura indígena, afro e europeia, com envolvimento da religião cristã e da crença étnica. Surgem costumes novos formadores da festa do Çairé, onde o caboclo de Alter do Chão exterioriza inéditas formas de continuidade sociocultural.

A paisagem e o lugar são percebidos através da cognição e percepção do corpo, de ações e reações intrínsecas de membros da comunidade alterense, de modo que, podem ser entendidos por meio de uma reflexão em forma de escala decrescente, utilizada para compreensão de sua postura, onde suas memórias estão conectadas a paisagem e aos lugares carregados de experiências e sentimentos. É dessa maneira, que tentam fazer com que os visitantes percebam e sintam esses sentimentos durante sua estada em Alter do Chão.

Todas as continuidades nos festejos propostos pela comunidade alterense passou pelo crivo dos seus anciãos. Para que o Çairé, pudesse ter continuidade, buscou-se informações na memória dos mais velhos do lugar.

A paisagem em constante processo de formação é vista como as interpretações elaboradas pela percepção que está sempre visualizando coisas novas, dependendo de como se sente quem a visualiza. Cosgrove ([1984] 1998) refina o conceito de paisagem enfatizando que esta é em si uma construção cultural sofisticada.

A MEMÓRIA COMO FORMADORA DA MINHADADE RICOEURIANA

⁶ A etnia Borari desde antes dos portugueses adentrarem no Brasil vive onde hoje é o distrito de Alter do Chão, no município de Santarém, no estado do Pará.

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.5, n.1, p. 175-190, 2017.

Como afirma Halbwachs, a memória não é formada somente por um sujeito. Para o autor, quando se evoca lembrança e memória chama-se para perto outras pessoas:

[...] Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior. [...] Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque em realidade nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p.25-26)

A memória, destaca Halbwachs (*Ibidem*), são ações caracterizadas pelo que se extrai dos outros e é exposta como individual, como própria, não como um plágio, mas como inter pensamentos, inter atitudes, que advém das inter-relações com seu entorno.

A experiência comum com outros, resulta em uma memória que pode ser ativada com diálogo com quem viveu, esteve presente em sua construção, ou tem a curiosidade de saber algo de seu interesse, que estará ligado diretamente à experiência vivida. É claro que muitos detalhes serão esquecidos e só será lembrado aquilo que for mais marcante para o indivíduo. “Somos levados ao estudo dos acontecimentos humanos mais simples, tais como eles se representam na vida” caracterizada como “real, no decurso das múltiplas dramatizações, onde se defrontam os papéis reais e imaginários, as projeções utópicas e as construções arbitrárias” (HALBWACHS, 1990, p.15).

Neste caso, Ricoeur (2007) diverge da afirmação de Halbwachs (1990) quanto à forma coletiva de memória, pois esta possui a ação individualizadora. A memória é única. Cada ser humano possui uma interpretação diferente dos fatos (pode ser uma hermenêutica involuntária), então por mais que se viva ou ouça histórias em coletividade/comunidade há sempre a compreensão realizada por quem as ouve, ou as narra.

A partir do estudo de Ricoeur (2007), a memória então pertence ao passado, ela é a diferença entre a espera do futuro e a percepção do presente, neste viver o

presente, encontram-se dois atos, o das lembranças e o da memória, estes que serão a base para que a memória seja uma interpretação do vivido.

Outro aspecto é a perspectiva ricoeuriana sobre cultura dinâmica, como vista em outros autores, pois os modos de vida são diferenciados, e com o tempo alguém começa uma mudança e no transcorrer deste, conforme haja unidade, o grupo tende a seguir as alterações mesmo que sejam mínimas.

é à memória que está vinculando o sentido da orientação na passagem do tempo; orientação em mão dupla, do passado para o futuro, de trás para a frente por assim dizer, segundo a flecha do tempo da mudança, mas também do futuro para o passado segundo o movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivo. É sobre esses traços recolhidos pela experiência comum e a linguagem corriqueira que a tradição cujos grandes precursores se encontram na antiguidade tardia de matiz cristão. (RICOEUR, 2007, p. 108)

Logo, na narrativa ocorre a articulação entre as lembranças no plural e a memória no singular, é o ato de alteridade que ocorre ao reconhecer na memória a temporalidade e a espacialidade vivida, tendo entendimento do que se foi no passado e percebendo o que se é no presente.

Dessa maneira, a 'minhadade' de cada narrativa começaria pela experiência de cada narrador. Logo, cada lembrança individual é um ponto definido em relação a lembrança coletiva, isso deve ser observado como força para o acaso que circula a todos os membros de uma comunidade, pois:

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. (POLLAK, 1992, p. 202).

O pensamento e atitude que possa ser entendido por alguns como algo próprio e único está de alguma maneira condicionado a uma paisagem, a um lugar ao grupo em que o indivíduo convive. Mesmo as concepções que são advindas de cientistas estão nelas inclusas o conhecimento social que lhes é imputado, até porque, a formação humana é composta de pequenas atitudes do meio social que estão presentes em seu entorno, neste caso:

A substância social da memória, a matéria lembrada [...] o modo de lembrar é individual tanto como social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária...o tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho, da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar. (BOSI, 1994, p.31).

Quem a necessidade da lembrança dos momentos que passaram traz a consciência de se ter vivido diversas experiências, e também de compartilhar com os antigos e novos conhecidos as mesmas experiências adquiridas com o passar do tempo. Por isso, lembrar é algo que nos remete a explorar não só o passado, mas também o presente, a análise é dada conforme a situação em que o indivíduo se encontra e surge no decorrer do conhecimento de sua vida, ou de sua cultura, do lugar em que se vive.

Tedesco (2004) exemplifica o que pode ser considerado uma reconstrução das funções que a cultura impõe à memória para uma futura caracterização do lugar, das pessoas e objetos que no passado fizeram sentido.

Vê-se o envolvimento dos membros da comunidade para construção cultural da memória e com isso, clarifica-se o envolvimento da experiência material e imaterial. O simbólico e o imaginário acabam expondo a cultura comunitária.

Nessa reflexão, detecta-se que, todas as vezes que a comunidade alterense retomou ou incluiu novas apresentações do Çairé, o fez voltada à memória dos anciãos do lugar.

Eles retratavam o que lembravam para incorporar novas configurações que envolviam a crença popular nas atividades sobrenaturais, na natureza, no pertencimento ao lugar, na paisagem como elemento da bondade divina “esplêndida e abençoada por Deus”, os botos com a transmutação, o pajé com as crenças indígenas com as lendas e histórias ocorridas nas tribos com a utilização do “tarubá⁷ como chave que abre as portas para o mundo espiritual” e dos muiraquitãs⁸ - norteadores da expressão maior do Çairé.

⁷ Bebida fermentada feita da mandioca, no Çairé possui duplo sentido de abertura e finalização, pois ele é ingerido durante a procissão da busca do mastro cinco dias antes do levantamento dos mastros e só será ingerido novamente na segunda-feira após a derrubada dos mastros. (CASTRO, 2016).

⁸ Lenda que havia uma tribo de mulheres guerreiras, as Icamíabas, que não tinham marido e não deixavam ninguém se aproximar de sua taba. Manejavam o arco e a flecha com uma perícia
Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.5, n.1, p. 175-190, 2017.

Cosgrove (1999) percebe que os conjuntos de relações sociais que são desenvolvidos pela memória, podem influenciar a permanência ou a mudança cultural:

[...] Nos estudos culturais, a história é substituída pelo passado, pela memória, e então é trazida para sua íntima conexão com o presente e o futuro. A memória e o desejo constituem a temporalidade através da qual os lugares emergem como fenômenos vividos e significativos. Uma série de estudos recentes, tanto na geografia cultural quanto na própria história, revelou o grau em que a memória é social, tanto quanto individual: “as relações sociais da memória [são] a memória das relações sociais”, e são poderosamente importantes na constituição da identidade e do lugar. (*IDEM, IBIDEM*, p. 23).

Na percepção de Cosgrove (1999), o geógrafo deve interpretar e compreender bem as formações advindas da memória. As representações imaginadas tornam-se expressões vivas de um passado que no momento do festejo/disputa/celebração fazem-se reatualizada no presente e projetadas para o futuro.

A ação da imaginação humana para formar representações culturais que dizem respeito a caracterização de sua identidade depende também da vontade individual e coletiva.

Com as construções erigidas pela memória se pode evidenciar quais símbolos são importantes, e mesmo com alguma alteração em sua forma inicial ele aparecerá durante as expressões culturais lúdicas, dando uma parte de sua essência e formando novas interpretações a partir de sua reconfiguração.

Pode-se dizer que a comunidade de Alter do Chão fez o que Ricoeur (2007) denominou de “lembança-representação”. Alguns de seus membros tiveram a necessidade de buscar em sua lembrança-representação as imagens que propiciassem a continuidade do Çairé e, para tal, pesquisaram, arguiram os anciãos

extraordinária. Uma vez por ano recebiam em sua taba os guerreiros Guacarís, como se fossem seus maridos. Se nascesse uma criança masculina era entregue aos guerreiros para criá-los, se fosse uma menina ficavam com ela. Naquele dia especial, pouco antes da meia-noite, quando a lua estava quase a pino, dirigiam-se em procissão para o lago, levando nos ombros potes cheios de perfumes que derramavam na água para o banho purificador. À meia-noite mergulhavam no lago e traziam um barro verde, dando formas variadas: de sapo, peixe, tartaruga e outros animais. Mas é a forma de sapo a mais representada por ser a mais original. Elas davam aos Guacarís, que traziam pendurados em seu pescoço, enfiados numa trança de cabelos das noivas, como um amuleto. Em toda região de Alter do Chão e Santarém os muiraquitãs são percebidos nas praças, nas vendas de artesanato e nas joalherias. (CASTRO, 2016).

da vila para saberem como era festejado o Çairé anteriormente e, desse modo, saber como fariam para continuação das expressões culturais lúdicas do Çairé. De modo que:

é privilégio da lembrança-representação permitir-nos voltar a subir “encosta de nossa vida passada para nela buscar uma determinada imagem”. A memória que repete, opõe-se a memória que imagina: “Para evocar o passado em forma de imagens, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso atribuir valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez o homem seja o único ser capaz de um esforço desse tipo” (*IDEM, IBIDEM*, p. 44).

E foi sonhando com a continuidade e o fortalecimento de sua ‘cultura ancestral’ que os moradores de Alter do Chão retornaram ao Çairé. A denominação ‘cultura ancestral’ encontra-se presente durante o festejo, tanto na área do lago verde, onde os botos disputam e ocorre as representações de danças locais, como na praça do Çairé - caracterizado como uma ação de enaltecimento da cultura cabocla.

O agir em particular tem seus nós e seus ventres, suas rupturas e seus impulsos; o agir é vigoroso. E, na sucessão mais uniforme da percepção, a distinção entre começar, continuar e cessar é perfeitamente razoável. É com o começo que o presente faz sentido e que a duração traz modificação: “enquanto surge sempre um novo presente, o presente se torna um passado e, assim, toda a continuidade de escoamento dos passados do ponto precedente ‘vai caindo’ uniformemente na profundidade do passado”. Quando se fala de ponto-origem, é no âmbito da relação começar-continuar-cessar. A impressão é originária, num sentido não metafísico, no sentido daquilo que simplesmente começa e faz que haja um antes e um depois. O presente muda incessantemente, mas também surge incessantemente: aquilo que chamamos de acontecer. A partir daí, todo o escoamento não passa de “retenção de retenções”. (*RICOEUR*, 2007, p. 51).

Para realizar as expressões culturais lúdicas do Çairé, os impulsos da cultura são um escoamento para a continuação da festa. Mesmo com as diversas mudanças sociocultural que ocorreram com o decorrer do tempo, não foi impedimento para a continuidade do festejo do Çairé. Ricoeur (2007) retrata a importância da escala para realização de percepção e “conexões”. Quando algo é visualizado, essa importância dá-se pelo fato de que os sentidos dos indivíduos devem iniciar o processo de começo de um novo presente pela memória.

Cosgrove ([2008] 2012) elenca os diversos modos de utilização da visão para que possa haver conexões, ‘conhecimento’. Ao se possuir percepção do que está

sendo observado, a memória irá agir com a função de evidenciar ordenadamente o que foi devidamente guardado pela visão, percepção e sentidos.

A “visão é uma palavra complexa que incorpora tanto o ato ocular de registrar a palavra externa, e o sentido mais abstrato e imaginativo de criar e projetar imagens⁹”. Pensar em escala e visão é entender que ambos são interdependentes, pois quando a escala é maior ocorre o distanciamento dos objetos, e com isso a visão não absorve maiores informações não havendo detalhamento nela, nesse caso a paisagem é vista e entendida quase como se fosse homogênea, um conjunto indissociável, que será guardado na memória como um todo.

Tanto de longe quanto de perto, são maneiras de observar a paisagem e ambas são necessárias, pois cada ponto da paisagem quando experienciado tornar-se-á um lugar vivido, onde a proximidade influi em confluências dos sentimentos, das ações, das experiências e vivências que ocorrem quando a escala da paisagem é tão pequena que acaba tornando-se um lugar, ele será lembrado com mais detalhes. Pois os,

indicadores que visam a proteger contra o esquecimento. Distribuem-se dos dois lados da linha divisória entre a interioridade e a exterioridade; encontramos-os uma primeira vez na vertente da recordação de uma coisa por uma outra que lhe foi associada na aprendizagem, quer como uma das etapas “vivas” do trabalho de recordação; encontramos-os uma segunda vez como pontos de apoio exteriores para a recordação: fotos, cartões postais, agendas, recibos, lembretes (o famoso nó no lenço!). É dessa forma que esses sinais indicadores advertem contra o esquecimento no futuro: ao lembrar aquilo que deverá ser feito, eles previnem que se esqueça de fazê-lo. (RICOEUR, 2007, p. 55)

Há, no entendimento de Ricoeur (*Ibidem*), a parte que algumas coisas são esquecidas, mas isso ocorre dentro de um processo de mudança, que por vezes pode ser imposto, ou pode ocorrer involuntariamente, por determinada ação ou crença, é uma ação que pode ser considerada ajudadora da memória, por ser entendida não como prejudicial, e sim como algo que pode ocorrer às vezes como um filtro formador da lembranças e da memória. Desse modo percebe-se que:

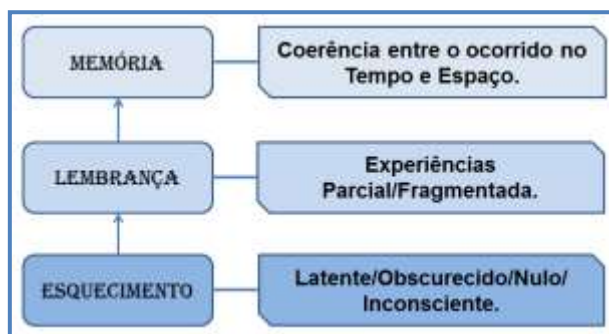
⁹. vision is a complex word that incorporates both the ocular act of registering the external word, and more abstract and imaginative sense of creating and projecting images. (COSGROVE, [2008] 2012, p. 4).

memória está no singular, como capacidade e como efetuação, as lembranças estão no plural [...]. Agostinho faz das lembranças que se “precipitam” no limiar da memória; elas se apresentam isoladamente, ou às circunstâncias, ou em cachos, de acordo com relações complexas atinentes aos temas ou às circunstâncias, ou em sequências mais ou menos favoráveis a composição de uma narrativa. Sob esse aspecto, as lembranças podem ser tratadas como formas discretas com margens mais ou menos precisas, que se destacam contra aquilo que poderíamos chamar de um fundo memorial, com o qual podemos nos deleitar em estados de devaneio vago. (IDEM, 2007, p. 41).

Pode-se caracterizar a lembrança como algo curto, ao lembrar-se de coisas fragmentadas e desconhecer sua totalidade, pois é produzido por partes de ações realizadas ou de objetos, um exemplo é quando se quer lembrar de um nome de alguém, a pessoa sabe que conhece mas não lembra o nome no momento, as vezes só irá lembrar-se quando ficar exercitando para recordar. Já a memória é voltada para uma história, um lugar, uma paisagem, ela descreve algumas ações e sentimentos, Busca sempre fazer com que o sujeito sintá-se realizado quando lembra de algo que desejou.

Com relação a distinção entre o esquecimento, lembrança e memória, pode-se observar que cada um possui um segmento que auxiliará o outro de maneira a sempre permanecerem como interdependentes um do outro.

Figura 1 - Distinções entre esquecimento, memória e lembrança



Fonte: Elaborado por Castro, 2016.

Evidenciam-se, no quadro, as interações entre as ações de esquecimento, lembrança e memória aprimoradas por Ricoeur (2007). Observa-se que a ação esquecimento está na base do quadro. Ele tem a função seletiva da memória, auxilia para não haver sobrecarga e é onde pode começar a ocorrer a individualização e criação da minhadade.

A lembrança foi colocada no meio do quadro por se tratar da ação fragmentada, em pedaços, sem às vezes começo ou fim definido, lembrar-se de lugares, paisagens, músicas, filmes, de algumas pessoas com quem não se tem uma experiência duradoura, talvez surja na mente novamente pela lembrança.

A memória é mais completa, ao lembrar-se de uma paisagem, ela evoca lembranças e experiências que afloram como em turbilhão. A memória é requintada, ela seleciona todo contexto do que quer que seja lembrado.

Retornando as diferenças entre Halbwachs (1990) e Ricoeur (2007), para dar sequência ao próximo tópico, entende-se que, para o primeiro, o sujeito é indiferente sem individuação e para o segundo há individuação por meio da consciência, onde as funções de esquecimento, lembrança e memória auxiliam a construção da 'minhadade' que possibilitará a formação da identidade construída por meio do tempo/espço, cultura/religião e paisagem/lugar. São constructos que formam diversas identidades pelo pertencimento que um único indivíduo possui.

Como se sabe, a formação da 'minhadade' é percebida pela vivência e experiência narrada por alguns antepassados. Estes trouxeram lembranças e memórias de como era realizado o Çairé. A "experiência temporal e a operação narrativa se enfrentam diretamente, ao preço de um impasse sobre a memória e, pior ainda, sobre o esquecimento, esses níveis intermediários entre tempo e narrativa" (RICOEUR, 2007, p. 17), conduzem o narrador a tomar o passado para si e expressá-lo no presente, com as emoções de outrora sua vivência possui significado expressado diretamente em seu presente.

A memória tem uma história – no sentido de que certas culturas desenvolveram sistemas mnemônicos particulares para preservar informações culturais ou verbais de importância. O pensamento tem uma história – no sentido de que as culturas desenvolveram e acumularam

práticas, conceitos e categorias para pensar sobre a linguagem, o mundo e o eu. São essas práticas, e os conceitos a elas associados, que dão ao pensamento uma história. (OLSON, 1997, p.41).

Por isso, a construção da 'minhadade' ricoeuriana passa por lembranças e memórias, histórias que serão narradas de acordo com a perspectiva do narrador. Nesse complexo jogo de ações internas e externas, o indivíduo busca se completar de maneira a fazer parte de uma comunidade.

Essa interação são erigidas em lugares que são denominados de pontos da paisagem os quais como bem evidencia Castro e Kozel (2013) são atribuídos de cargas emotivas, qualidades que transcendem o entendimento racional. Agem de acordo com a intencionalidade humana. Desse modo, às vezes, santificando-o pela necessidade de contatar o sobrenatural ou a divindade, usando-o para trabalho ou lazer e, desse modo, são onde se extravasa o peso do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES

Logo, o lugar percebido enquanto 'locus' de habitação e sentimentos, a vivência que conduz o homem a experienciar diversidades de atos em períodos diferentes são pontos que levam Ricoeur a avançar sobre seus antecessores hermeneutas ao fazer da relação interprete-texto uma relação de sujeito para sujeito, e não sujeito e objeto.

Na relação hermeneuta-fenomenológica ricoeuriana percebe-se o respeitar as formas vernaculares de conhecimento que são expostas pelo sujeito que narra, ou sobre o que ele narra, as interpretações soam nesse momento como respeito ao humanismo sem contrapor ao que o sujeito entende de sua crença, de sua cultura, de seu entorno, ou seja, do seu modo de vida.

As experiências dos alterenses e de seus visitantes que ao visualizarem a paisagem percebem seus vários lugares, marcando com isso a paisagem com sentimentos de contemplação, e uma força que age de duas formas: uma esvaziando a fadiga do cotidiano e outra preenchendo o vazio que ficou com sentimentos agradáveis.

É o deleitar-se com as formas do relevo, com a mitologia local, é deixar-se envolver com as especificidades da cultura. Na fenomenologia, a análise da Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.5, n.1, p. 175-190, 2017.

paisagem e do lugar, conduz aos processos de apropriação e construção que acontecem criando o lugar, onde as relações tornam-se naturais e corriqueiras.

Dessa forma, de maneira concatenada, evidencia-se o trajeto de compreensão das representações expostas nas ações para a formação do lugar vivido e da paisagem percebida, utilizando-se da visão do sensível e do entendimento intelectual, onde fenomenologicamente é possível compreender a memória exposta a partir do lugar vivido pelos membros da comunidade de Alter do Chão que participam do Çairé.

REFERÊNCIAS

BOSI, E. **Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos**. São Paulo. CIA das Letras, 1994.

CASCUDO, Luís Camara. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: ed. Itatiaia, [1940] 1983.

CASTRO, Sheila dos Santos. Paisagem e Lugar das expressões culturais lúdicas do çairé e da disputa dos botos em Alter do Chão-PA. **Tese de doutoramento** Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Geografia: Curitiba, 2016.

CASTRO, Sheila Santos; KOZEL, Salete. **A santificação do lugar**. In Terr@Plural, Ponta Grossa, v.7, n.2, 2013.

COSGROVE, Denis. **Geography & vision: seeing, imagining and representing the world**. New York: IB Tauris, [2008] 2012.

_____. **Social formation and symbolic landscape**. Londres: University of Wisconsin Press, [1984] 1998.

_____. Geografia cultural do milênio. In ROSENDAHL, Zeni e CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

COSTA, Graciete Guerra da. As Cidades Amazônicas na América Portuguesa. In **Instituto de Relações Internacionais/IREL**: Universidade de Brasília, 2013. p. 1-12. Disponível em: http://www.cartografia.org.br/vslbch/trabalhos/70/83/graciete_2013_as-cidades-amazonicas_texto_completo_1379301099.pdf - Acessado em 08/03/2014

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

REIS, Artur César Ferreira. **Santarém: seu desenvolvimento histórico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1964] 1979.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

OLSON, David. **O mundo no papel**: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: ed. Ática, 1997.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

PIACESI, Meive Ausonia. **O distrito de Alter do Chão**: Festa do Çairé. Santarém Pará: Prefeitura STM, Pesquisa de 1980.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In Estudos Históricos: Rio de Janeiro, 1992.

TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória: Temporalidade, Experiência e Narração**. Passo Fundo: EDUCS, 2004.